

## PROLONGAMENTOS DE UMA REFLEXÃO: A INCERTEZA NO MANUSCRITO.

### ONDE ESTÁ A INCERTEZA NA PROCURA DE UMA LEMBRANÇA EM PROUST?<sup>1</sup>

PHILIPPE WILLEMART  
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

**C**omo tratei bastante da incerteza em “Como se constitui a escritura literária?” publicado nos *Ensaio*s do NAPCG,<sup>2</sup> vou seguir outro caminho e me ater ao texto bastante conhecido da madeleine de Proust que indica outras pistas para entender esse fenômeno.

De antemão, quero sublinhar que não vou tratar do conceito de incerteza de Heisenberg que envolve apenas os objetos

1. Esta comunicação fez parte da mesa redonda “Poética da incerteza”.

2. *Criação em Processo. Ensaio*s de Crítica Genética. São Paulo, ed. Iluminuras, 2002. p.67-85

do mundo microscópico, mas tentar definir esse conceito de um ponto de vista literário a partir do texto proustiano. Talvez haja analogia entre os dois conceitos já que eles não recobrem a mesma realidade, talvez o conceito proustiano ajude a entender ou até a enriquecer o conceito de Heisenberg; se não fosse muita pretensão, por quê não? Talvez o conceito da física, pelo contrário, esclareça o conceito literário, vamos ver!

*“Deponho a taça [xícara] e volto-me para meu espírito. É a ele que compete achar a verdade. Mas como? Grave incerteza, todas as vezes em que o espírito se sente ultrapassado por si mesmo; quando ele, o explorador, é ao mesmo tempo o país obscuro a explorar e onde todo seu equipamento de nada lhe servirá. Explorar? Não apenas explorar: criar. Está diante de qualquer coisa que ainda não existe e que só ele pode dar realidade e fazer entrar em sua luz”.<sup>3</sup>*

O desconhecido, a coisa a ser criada está lá, mas de forma curiosa. Ainda que estando lá como coisa ela ainda não existe como ser, o que só ocorrerá quando o espírito lhe der “realidade e a fizer entrar em sua luz”. Não é, porém, uma criação *ex nihilo* porque já existe algo que somente passará ao estado de “coisa” sob a ação do espírito. A disposição do espírito preexiste ao aparecimento de um novo ser: ele está diante de ..., próximo a ..., na espera de ..., como se a abertura do espírito atraísse a vinda de um ser para lhe dar existência ou possibilidade de existir.

3. Proust. *No Caminho de Swann*. p.49 “Je pose la tasse et me tourne vers mon esprit. C'est à lui de trouver la vérité. Mais comment? Grave incertitude, toutes les fois que l'esprit se sent dépassé par lui-même; quand lui, le chercheur, est tout ensemble le pays obscur où il doit chercher et où tout son bagage ne lui sera de rien. Chercher? pas seulement: créer. Il est en face de quelque chose qui n'est pas encore et que seul il peut réaliser, puis faire entrer dans la lumière”. Idem, *Combray*. p.45

A encenação da situação do personagem Marcel por Proust não é um modelo de incerteza? Estamos à beira de uma criação, mas o inconveniente é que ela não depende de matérias exteriores, de um objeto a explorar ou a descrever macro, micro ou nanoscopicamente como uma bactéria, o corpo humano ou um astro novo, não se trata de demonstrações matemáticas, de tabulações de dados ou mesmo de uma tentativa de apreender a tonalidade da luz como faria um pintor com as cores.

Trata-se de duas coisas: primeiro, uma disposição do espírito, segundo, uma exploração criativa que envolve a existência e o ser.

A disposição do espírito à incerteza ou a uma bifurcação, isto é, uma disposição para aceitar uma coisa não esperada, surpreendente, não está na linha lógica do pensamento; não é também como um presente cuja forma da embalagem deixaria suspeitar o conteúdo, não há matéria nem forma, não há nada em vista nem pressentido. A espera pode gerar sentimentos indo da angústia à confiança passando pelo medo, receio e indiferença no escritor ou na personagem. A única certeza da personagem, é que vai acontecer algo.

**A incerteza vem portanto do objeto que vai surgir, mas ela exige um espírito aberto.**

Jean-Pierre Changeux sublinha que “aprender (a língua para as crianças), é eliminar as pré-representações”.<sup>4</sup> No caso do narrador proustiano, não se trata de aquisição de uma língua, mas de criação de um novo referente por meio de uma história. Enquanto a criança procura inserir-se na linguagem já existente, falada pelos que a cercam, o artista está tentando inventar uma nova linguagem ou um novo código que servirá de

4. Jean-Pierre Changeux. *L'homme de vérité* de. Paris, ed. Odile Jacob, 2002.

referência para seus leitores. Mesmo levando em conta essa diferença, concordo com Changeux que a primeira etapa do artista consiste em eliminar ou apagar as informações que obstruem a chegada do novo, só que essa limpeza não é total. Diferente da criança, o artista acumulou uma série de informações pelo raciocínio, o sonho e as percepções de todo tipo. O objeto novo tem que encontrar o caminho para chegar na página do escritor, na tela do pintor, etc.

A incerteza vem em parte do conhecido que deve ser eliminado porque esconde a possibilidade da existência do objeto novo.

*"E recomeço a me perguntar qual poderia ser esse estado desconhecido, que não trazia nenhuma prova lógica, mas a evidência de sua felicidade, de sua realidade, ante a qual as outras se desvanesciam. /.../."*<sup>5</sup>

Reparamos que o novo no caso da madalena é atraído por uma felicidade e a certeza do aparecimento de algo.

Isto é, a certeza da felicidade que supõe a novidade sustenta a procura e vence a incerteza sobre o objeto que surgiria. O atrator é a alegria dada de antemão.

**A incerteza exige a certeza cercada de felicidade de que algo vai aparecer.**

*"Depois, pela segunda vez, faço o vácuo diante dele, torno a apresentar-lhe o sabor ainda recente daquele primeiro gole e sinto estremecer em mim qualquer coisa que se desloca, que desejaria elevar-se, qualquer coisa que teria desancorado, a uma grande profundidade; não*

5. Proust. *No Caminho de Swann*. p.48. "Et je recommence à me demander quel pouvait être cet état inconnu, qui n'apportait aucune preuve logique, mais l'évidence de sa félicité, de sa réalité devant laquelle les autres s'évanouissaient. Idem, *Combray*. p.45.

*sei o seja, mas aquilo sobe lentamente; sinto a resistência e ouço o rumor das distâncias atravessadas."*<sup>6</sup>

O objeto tem bastante dificuldade para chegar, mas ele está no herói e não vem de fora; isto é, a origem do objeto é conhecida; ele já foi enterrado ou registrado um dia na mente do personagem. Por quem? Não se sabe, mas provavelmente há tempo ou se ele soube por terceiros, um livro lido, uma obra de arte, uma palavra dita na hora certa, uma melodia que o encantou, um mundo no qual gozou, etc. Como? Por meio de um sabor parecido que atrai tal um ímã o sabor de hoje. A sensação parece mais eficaz do que a inteligência para a pesquisa ou a invenção artística.

**O objeto faz parte da história da personagem, mas a certeza envolve apenas uma sensação.**

*"Por certo, o que assim palpita no fundo de mim deve ser a imagem, a recordação visual que, ligada a esse sabor, tenta segui-lo até chegar a mim. Mas debate-se demasiado longe, demasiado confusamente; mal e mal percebo o reflexo neutro em que se confunde o ininteligível turbilhão das cores agitadas; mas não posso distinguir a forma, pedir-lhe, como ao único intérprete possível que me traduza o testemunho de seu contemporâneo, de seu inseparável companheiro, o sabor, pedir-lhe que me indique de que circunstância particular, de que época do passado é que se trata."*<sup>7</sup>

6. Id. *No Caminho de Swann*. p.50. "Puis une deuxième fois, je fais le vide devant lui (mon esprit), je remets en face de lui la saveur encore récente de cette première gorgée et je sens tressaillir en moi quelque chose qui se déplace, voudrait s'élever, quelque chose qu'on aurait désancré, à une grande profondeur; je ne sais ce que c'est, mais cela monte lentement; j'éprouve la résistance et j'entends la rumeur des distances traversées". Id., *Combray*. p.45

7. Proust. *No Caminho de Swann*. p.50. "Certes, ce qui palpite ainsi au fond de moi, ce doit être l'image, le souvenir visuel, qui, lié à cette saveur, tente de la suivre jusqu'à

O narrador suspeita ser uma lembrança visual, mas nada pode saber da “companheira inseparável” e “única intérprete possível” que, assim como o afeto, não diz *a priori* de que se trata nem conta a história dessa lembrança; o sabor apenas anuncia a chegada da imagem à medida que o herói faz o esforço necessário.

**O herói está quase certo da modalidade do objeto, uma imagem visual, mas continua duvidando quanto à época e as circunstâncias. A aparição do objeto incerto é provocada por um acaso ou uma circunstância accidental.**

No entanto, o accidental não elimina uma parte de determinismo. O sabor é na verdade efeito de uma lembrança que depois se torna guia no labirinto da mente, embora seja provocada fortuitamente: *“minha mãe, vendo-me com frio, propôs que tomasse, contra meus hábitos, um pouco de chá”*. Uma sensação accidental como o sabor de um gole de chá misturado a um biscoito, se for perseguida com obstinação, leva a uma lembrança escondida nas profundezas da memória para retomar a expressão marítima proustiana.

**A aparição do objeto visual incerto tem a ver também com a mente do sujeito e portanto é determinada de uma certa maneira.**

*“E de súbito a lembrança me apareceu. Aquele gosto era do pedaço de madalena que nos domingos de manhã em Combray /.../ minha tia Leonie me oferecia,*

moi. Mais il se débat trop loin, trop confusément; à peine si je perçois le reflet neutre où se confond l'insaisissable tourbillon des couleurs remuées; mais je ne peux distinguer la forme, lui demander, comme au seul interprète possible, de me traduire le témoignage de sa contemporaine, de son inséparable compagne, la saveur, lui demander de m'apprendre de quelle circonstance particulière, de quelle époque du passé il s'agit”. Idem, *Combray*. p.45-46

*depois de o ter mergulhado em seu chá da Índia ou de tília, quando ia cumprimentá-la em seu quarto. /.../ Mas quando mais nada subsista de um passado remoto, após a morte das criaturas e a destruição das coisas, sozinhos, mas frágeis porém mais vivos, mais imateriais, mais persistentes, mais fiéis, o odor e o sabor permanecem ainda por muito tempo, como almas, lembrando, aguardando, esperando sobre as ruínas de tudo o mais, e suportando sem ceder, em sua gotícula impalpável, o edifício imenso da recordação.”<sup>8</sup>*

O contato com o novo objeto se fez através das pulsões oral e do olfato, pulsões primitivas por excelência, já que são as primeiras que contribuíram para construir o mapa erótico do sujeito e que tocam mais de perto o Real. O sabor e o cheiro decorrem de um contato direto com o objeto saboreado ou sentido.

**O objeto incerto faz parte de um percurso que tem nas duas pontes a mesma sensação alojada na mente do sujeito.**

Resumindo, podemos dizer que a incerteza vem de vários fatores:

1. do objeto que vai surgir
2. do conhecido que esconde a possibilidade da existência do objeto novo
3. da conformação e da natureza do objeto
4. da limitação da certeza à sensação

8. Proust. *No Caminho de Swann*. p.50-51. “Et tout d'un coup, le souvenir m'est apparu. Ce goût, c'était celui du petit morceau de madeleine que /.../ ma tante Léonie m'offrait après l'avoir trempé dans son infusion de thé ou de tilleul. La vue de la petite madeleine ne m'avait rien rappelé avant que je n'y eusse goûté /.../ Mais quand d'un passé ancien, rien ne subsiste, après la mort des êtres, après la destruction des choses, seules, plus frères mais plus vivaces, plus immatérielles, plus persistantes, plus fidèles, l'odeur et la saveur restent encore longtemps, comme les âmes, à se rappeler, à attendre, à espérer, sur la ruine de tout le reste, à porter sans fléchir, sur leur gouttelette presque impalpable, l'édifice immense du souvenir. Proust. *Combray*. p.46

5. da época e das circunstâncias
6. da aparição do objeto que depende de um acaso ou uma circunstância accidental

Mas pergunto se há uma certeza que cerca a incerteza ou uma incerteza que cerca a certeza já que

1. A incerteza está incluída na história da personagem, embora a certeza envolva apenas uma sensação.
2. O objeto já é determinado de uma certa maneira já que vem da mente do sujeito.
3. O objeto incerto faz parte de um percurso que tem nas duas pontes a mesma sensação alojada na mente.
4. O sujeito sabe que o objeto incerto é uma imagem visual embora sem modalidade conhecida.

No caso da madeleine, a procura por um objeto novo decorre do “prazer delicioso” ressentido no primeiro gole. Isto é, uma condição inicial, um prazer, dirige e subentende o processo que dá ao herói a certeza de uma felicidade maior no futuro e favorece a abertura do espírito.

Em outras palavras, a incerteza vem tanto do conhecido quanto do desconhecido numa primeira etapa, em seguida, da natureza do objeto novo e do momento da aparição e, enfim, do trabalho da mente.

A partir desses elementos aparentemente simples e evidentes, resta saber como a concepção proustiana da aparição do novo traz algo de inédito na poética da incerteza e como administrá-la.

1. Primeiro, Proust consegue **unir o que parece impossível, a saber, o imprevisível do que virá**, aqui a casa de Combray, **com o determinismo do efeito retroativo**, uma sensação de outrora revivida hoje. Há uma relação de causa a efeito,

mas o **efeito atravessa o tempo para buscar a causa**. Não seguindo a horizontalidade temporal, a procura permite assim quebrar o indeterminismo inicial. É uma primeira bifurcação que não esquece o ponto de partida ou as condições iniciais (o prazer e o sabor), mas pelo contrário, as leva em conta. **A passagem da zona de incerteza para uma zona determinista é possível com esse mecanismo bem proustiano, o esquecimento da cronologia dos fatos** ou melhor, o esmagar dos anos ou ainda, a redução dos anos num mesmo espaço ou num mesmo corpo. É o Tempo incorporado do *Tempo Redescoberto*,<sup>9</sup> como se o tempo tivesse literalmente entrado no corpo – noção diferente daquela do tempo que corre. As personagens serão transformadas em gigantes, pois o seu tamanho será avaliado pelo número de anos acumulados e não mais pela altura. Esse fenômeno, bem próximo da cena mallarmeana, coloca os eventos numa cena de teatro. É uma maneira de driblar a incerteza no produto final e de construir um mundo determinista e não criado por acaso. Enquanto o homem acredita que o tempo calendário o ajuda a viver porque o situa em relação à vida e à morte, o narrador proustiano foge desse modelo e ancora a busca num espaço atemporal.

2. Segundo, o narrador proustiano insere a incerteza em vários momentos que podemos discutir.

2. 1 A primeira etapa da descoberta é atribuída ao acaso. Não há cientificidade ou leis, mas puro empirismo. É como se o objeto novo, mesmo se estiver ligado a uma sensação de hoje, dependesse de circunstâncias totalmente aleatórias. Acaso ou necessidade, é o livro de Jacques Monod<sup>10</sup> que

9. Idem, *O Tempo redescoberto*. p.291.

10. Jacques Monod. *Le hasard et la nécessité. Essai sur la philosophie naturelle de la biologie*. Paris, Seuil, 1970.

testemunha essa inquietação e que falava do nascimento do Universo e da vida como resultado de uma loteria cósmica. Podemos falar de probabilidade?

O início da criação dependeria de um acaso, um chá com bolachas oferecido ao herói no inverno? Diria que se deixarmos o imaginário da trajetória, que vê as etapas uma por uma, e adotarmos a janela de Prigogine na qual as circunstâncias, por mais aleatórias que sejam, se encontram, se fecham num recinto num primeiro momento, recinto que pode ser a página do escritor, um corte no tempo ou um ponto de referência, é a janela do Físico; em seguida, elas se auto-organizam e, enfim, produzem um novo determinismo. Entendendo assim o processo, evitamos a escolha entre o demônio laplaciano e Jacques Monod e admitimos que uma zona de indeterminismo possa suceder a uma zona de determinismo que por sua vez desemboca numa zona de indeterminismo e assim por diante.

**O acaso ou a incerteza seria entendido como apenas um dos inúmeros fatores da constituição do objeto novo** que integrado estruturalmente a outros fatores, determina a criação.

2.2 A incerteza do objeto novo provém da conformação e da natureza do objeto.

Entretanto, comparando a experiência inicial, o chá com bolacha tomado na casa da mãe com a experiência lembrada, a mesma cena, mas com tia Léonie em Combray, as diferenças são poucas, a maior sendo a época distante à qual o resto está atrelado. Isto é, a imagem visual não é nova, estava enterrada na memória; a novidade reside no percurso original de uma sensação à outra, a travessia que permitiu encontrar a cena paralela. Analisando essa associação entre as duas sensações, a de hoje e a de outrora, podemos pensar que **o sabor de hoje continha o sabor de ontem nas suas dobras**, isto é, o herói não podia ter o prazer que ressentiu a segunda vez se não tivesse tido o mesmo prazer a primeira vez. Num

espécie de bate-bola, a segunda sensação chamou a primeira. A novidade portanto não está na primeira, mas na relação entre elas. O objeto dito novo já estava lá em parte, mas o herói não podia entendê-lo nem descrevê-lo sem o ricochete da primeira sensação. Esse bate-bola parecido com a ação do significante lacaniano<sup>11</sup> poderia fazer desta sensação não simplesmente um signo que pelo seu conteúdo faz sinal ao herói, mas um verdadeiro significante que vazado de seu conteúdo, representa o herói.

Em outras palavras, **o objeto novo não está inteiramente no passado**, como podia parecer ao leitor da obra proustiana. A criação literária não consiste em lembrar do passado acumulando as lembranças involuntárias ou vivendo um processo semelhante ao da madeleine.

3. Deduzi da análise do texto que a incerteza do objeto novo vem da ignorância do tempo, das circunstâncias e da época. Mas pelo comentário anterior, percebemos que **o objeto novo completo inclui a própria sensação inédita, a sensação lembrada e seu contexto**. Aconteceu de fato uma sensação parecida numa época remota, mas a imagem visual ligada a essa sensação ficou na memória da sensação sempre presente; pouco importa quando exatamente. O biógrafo da personagem talvez se preocupe com isso, mas o próprio narrador diz que, todo domingo, a tia Léonie oferecia a madeleine *“depois de a ter mergulhado em seu chá da Índia ou de tília, quando ia cumprimentá-la em seu quarto”*. Não há um ano preciso, podia ser qualquer domingo quando o herói ia passar as férias na casa da avó. A sensação contextualizada

11. Lacan.. *L'identification*. (Séminaire 1961-62). Paris: Association Freudienne Internationale. 2000. p.127

repetida tantas vezes conseguiu implantar-se na mente do herói e surgir num contexto parecido. Sua riqueza depende em parte do passado, mas ela não aparece sem o ato presente.

Portanto, se quisermos descobrir as circunstâncias da aparição do novo, temos que voltar ao início do texto sobre a madeleine: *"Mas no mesmo instante em que aquele gole, de envolta com as migalhas do bolo, tocou meu paladar estremeci, atento ao que se passava de extraordinário em mim. Invadira-me um prazer delicioso, isolado, sem noção de sua causa ./.../ Cessava de me sentir medíocre, contingente, mortal. De onde me teria vindo aquela poderosa alegria?"*<sup>12</sup>

O objeto novo, diferente de outras sensações ocorridas anteriormente, vem cercado de uma poderosa alegria.

Enquanto outros inventores geram na pena e na dor, o herói proustiano foi surpreendido por uma sensação acompanhada de "prazer delicioso". O clima de incerteza inicia-se neste sentimento para o personagem. Devemos concluir que o sentimento ou o afeto perturbam tanto a mente que provoca o mergulho no tempo e o salto na janela de Prigogine? É como se a alegria estremecesse os pontos comuns de referência e obrigasse a mente a procurar outros.

Lacan diz uma coisa parecida afirmando que a base da incerteza consiste na possibilidade de voltar ao S<sup>1</sup> ou ao não numerável,<sup>13</sup> mas não há tempo para explicar essa afirmação e vou ficar por aqui.

12. Proust., ibidem p.49. "Mais à l'instant même où la gorgée mêlée des miettes du gâteau toucha mon palais, je tressaillis, attentif à ce qui se passait d'extraordinaire en moi. Un plaisir délicieux m'avait envahi, isolé, sans la notion de sa cause./.../. J'avais cessé de me sentir médiocre, contingent, mortel. D'où avait pu me venir cette puissante joie?". Idem *Combray*. p.44.

13. Seminário 19:19 de Abril de 1972.

## EM TORNO DA EDIÇÃO DE EÇA DE QUEIRÓS<sup>1</sup>

ELZA MINÉ

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

**a** Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós – projeto coordenado pelo Prof. Dr. Carlos Reis, da Universidade de Coimbra – que vem sendo editada pela Imprensa Nacional/Casa da Moeda, de Lisboa, vai já em seu sétimo volume, a saber, cinco relativos à ficção (*O Mandarin*, *A Capital*!, *O crime do Padre Amaro* (segunda e terceira versões), *A ilustre Casa de Ramires*, *Alves & Cia*) e dois aos textos de imprensa: o primeiro, reunindo os textos de imprensa constantes da *Revista de Portugal* (*Textos de imprensa VI*) e o mais recentemente publicado, em julho deste ano, enfeixando os da *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, preparado por mim e por Neuma Cavalcante. Informações gerais sobre o comportamento editorial adotado na preparação de tal volume, enfatizando-se a especificidade dos textos que o constituem, são o objeto de nossa apresentação, no âmbito dessa mesa redonda que contempla perspectivas da Filologia Textual.

1. Esta comunicação fez parte da mesa redonda "Perspectivas da filologia textual".